

A RELAÇÃO ENTRE MENTE E CORPO NA FILOSOFIA DE BARUCH SPINOZA

Luís Santos Azevedo*

RESUMO: O presente artigo tenciona abordar a relação entre mente e corpo na filosofia de Baruch Spinoza, dentro daquilo que seus intérpretes, em especial Gilles Deleuze, denominaram de *paralelismo*. Tal abordagem partirá da ontologia concebida pelo filósofo holandês, pois o homem é interpretado a partir dela. Mostraremos, também, sucintamente, a relação conceitual que a filosofia de Spinoza mantém com a tradição e em que sentido ele se afastará dela.

PALAVRAS-CHAVE: Substância. Atributos. Mente. Corpo. Paralelismo.

1 INTRODUÇÃO

*A ordem e a conexão das ideias
é o mesmo que a ordem e conexão das coisas
(Spinoza)*

Eis a proposição do livro II da *Ética* que resume a relação spinoziana entre os modos provenientes dos atributos que constituem a essência de Deus. Essa relação, em grande medida original, ficou conhecida por *paralelismo* (embora o termo não seja utilizado por Spinoza). Mas em que consiste a originalidade dessa tese? A novidade da abordagem de Spinoza, e contrária à tradição filosófica, é que para ele não há nenhum tipo de hierarquia entre os atributos divinos, a saber, o atributo pensamento e o atributo extensão (os únicos conhecidos por nós). Cada um expressa a essência divina da mesma maneira, sem nenhuma eminência de um sobre o outro. Não há, também, uma relação hierárquica entre os modos que se seguem da essência divina.

* Graduando do curso de filosofia na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Email: luisazevedo78@yahoo.com.br



Essa relação de correspondência está na base da compreensão spinoziana acerca do homem. O homem é um modo que provém da essência de Deus, isto é, uma ‘afecção’ produzida pelos atributos divinos. Portanto, o homem é a união entre mente, que é concebida pelo atributo pensamento; e corpo, que é concebido pelo atributo extensão. Assim, o paralelismo interpretado à nível antropológico, vai afirmar que não há preeminência entre a mente e o corpo: quando a mente é ativa, o corpo também é ativo; quando o corpo é passivo, a mente também é passiva. Quando o corpo padece, a mente também padece, pois a mente, segundo Spinoza, é a ideia ou conhecimento do corpo.

Estes são os pressupostos fundamentais da relação entre mente e corpo na filosofia de Spinoza. Entretanto, serão melhor desenvolvidos à frente; antes disso, veremos, de maneira resumida, quem foi Baruch Spinoza. Depois abordaremos a sua ontologia e a noção de imanência, pois o paralelismo entre a mente e o corpo é consequência de tais concepções. Seguiremos com essa análise a partir do *Ética*, principal obra de Spinoza; e também através de *Espinosa: filosofia prática*, do filósofo francês Gilles Deleuze, um dos seus grandes intérpretes.

2 BARUCH SPINOZA: VIDA E OBRA

Spinoza foi um filósofo judeu que nasceu em Amsterdã no ano de 1632. Sua família é de origem espanhola, embora tenha se emigrado para Portugal, onde se converteu ao cristianismo para escapar da Inquisição. Eram ‘marranos’, judeus que se convertiam à fé cristã, mas que se mantinham fiéis à tradição judaica. Posteriormente, se mudaram para a Holanda devido à crise econômica que assolava o império espanhol e também Portugal. A família de Spinoza encontrou na Holanda, um país de características liberais, a possibilidade de prosperar economicamente e também expressar a sua fé.

Spinoza desenvolveu parte de seus estudos na comunidade judaica de Amsterdã, onde aprendeu o hebraico e estudou o *Talmude* e a *Bíblia*. Entre 1652 e 1656 freqüentou a escola de Francisco van den Eden, onde estudou latim e ciências. O latim possibilitou a Spinoza o conhecimento de autores clássicos, como Cícero e Sêneca e também pensadores modernos e renascentistas, entre eles, Bacon, Hobbes e aquele que seria sua



maior influência na filosofia, Descartes. Tais influências configuravam o pensamento de Spinoza, que aos poucos se mostrava incompatível com o credo da religião judaica. Além do mais, demonstrou convicção em suas ideias, não abdicando delas, como queriam os teólogos e rabinos (Spinoza, por seus dotes intelectuais privilegiados, chamava atenção dos religiosos da Sinagoga, que queriam transformá-lo num rabino). Por defender com veemência suas ideias, por sinal, originais e contrárias à teologia da época, foi acusado de ateísmo, sendo, inclusive, esfaqueado por um fanático religioso.

Os atritos com os teólogos e rabinos culminaram, no ano de 1656, com a excomunhão e banimento da Sinagoga. Spinoza tinha 24 anos quando isso ocorreu. Banido do convívio com seu povo, foi buscar refúgio nos círculos cristãos liberais, onde a tolerância religiosa era, em certa medida, estimulada. Foi acolhido em Amsterdã, depois de mudar várias vezes de cidade, estabelecendo contato com homens eminentes e poderosos, como os irmãos de Witt, que eram os líderes do partido democrático. Conheceu também intelectuais destacados, como o cientista Huygens e o filósofo Leibniz.

Spinoza viveu de maneira humilde, mas não como uma condição imposta de fora, embora tenha sido abandonado pelos parentes e sua irmã ter lhe negado a herança paterna. Todavia, ele entrou com um recurso para garantir seu direito à herança paterna, tendo, inclusive, vencido a causa. Mas o fez apenas para mostrar que essa herança era um direito que deveria ser defendido, muito mais que os benefícios que dele poderiam advir, já que recusou os bens. Recusou também doações de amigos ricos, tendo aceitado apenas a de S. de Vries, mesmo assim, reduzindo em muito seu valor. Desenvolveu e aperfeiçoou o ofício de polir lentes e era desse trabalho que retirava os recursos necessários ao seu sustento. Viveu grande parte da sua vida com poucos recursos – atitude bastante coerente com suas próprias ideias. Morreu em 1677, vítima de tuberculose, com 44 anos de idade.

As principais obras de Spinoza são: *Tratado sobre a correção do intelecto*, de 1661; *Tratado teológico-político*, que foi publicado anonimamente em 1670; e sua principal obra, *Ética*, que foi iniciada em torno de 1661, mas publicada apenas depois de sua morte, em 1677.



3 A IMANÊNCIA ABSOLUTA: DEUS, OS ATRIBUTOS E OS MODOS

A ontologia de Spinoza é quase toda desenvolvida no livro I do *Ética, Deus*, e também no livro II, *A natureza e a origem da mente*. No início do livro I são apresentadas oito pequenas definições que abarcam todo o sistema, mas que posteriormente vão sendo desenvolvidas através de proposições, seguidas de demonstrações, corolários e escólios; e também de axiomas e postulados. O método utilizado é o *geométrico* de influência euclidiana. É um método preciso de exposição que visa clareza e rigor lógico.

A ontologia spinoziana está fundamentada no conceito de *substância*, que nada mais é que a questão do *ser*. Aristóteles já dizia que perguntar o que é o ser é a mesma coisa que perguntar o que é a substância. Mas o que é a substância? Para Aristóteles a substância é aquilo que é e que existe necessariamente, diferente dos acidentes, que só existem em decorrência da substância. A metafísica aristotélica concebe, ainda, uma multiplicidade de substâncias e uma hierarquia entre elas: *matéria* (substância num sentido fraco, pois matéria é indeterminação); *sínolo* (substância num sentido forte, pois o sínolo é o composto de matéria e forma); *forma* (substância por excelência, pois é princípio, causa ou fundamento do sínolo); e a *substância supra-sensível* (pura forma, Deus e as inteligências celestes). A filosofia medieval, principalmente a escolástica, retomará as reflexões aristotélicas e reafirmará o caráter de necessidade, polivocidade de sentidos e multiplicidade de substâncias. Descartes, mesmo apresentando concepções diferentes de substância, também se manifestará a favor da multiplicidade (as três substâncias cartesianas: *Deus*, *res cogitans* e *res extensa*).

Spinoza romperá com a metafísica antiga e medieval, e também com a metafísica cartesiana, ao afirmar que só existe uma única substância: “Não pode existir, na natureza das coisas, duas ou mais substâncias de mesma natureza ou mesmo atributo” (SPINOZA, 2009, p. 15). E esta substância será definida por Spinoza como “[...] aquilo que existe em



si mesmo e que por si mesmo é concebido, isto é, aquilo cujo conceito não exige o conceito de outra coisa do qual deva ser formado” (SPINOZA, 2009, p. 13). Ela é causa de si mesma, *causa sui*, isto é, não é causada por outra coisa, porque é absolutamente infinita e indivisível. Por ser concebida por si mesma, é única, totalmente independente e sua essência envolve sua existência e esta é necessária: “Por causa de si compreendo aquilo cuja essência envolve a existência, ou seja, aquilo cuja natureza não pode ser concebida senão como existente” (SPINOZA, 2009, p. 13).

Mais adiante Spinoza identificará essa substância com Deus, se opondo às concepções da religião judaica e cristã e também da teologia e filosofia tradicionais. Estas concebem um Deus transcendente, isto é, separado do mundo, pois este último não pode se identificar com ele, visto que é constituído de matéria e esta é divisível, perecível e temporal. Tais características são inconciliáveis com a natureza de um ente absolutamente perfeito: “Deus, com efeito, dizem eles, por ser um ente sumamente perfeito, não pode padecer, enquanto substância corpórea, por ser divisível, pode. Logo, segue-se que ela não pertence à essência de Deus” (SPINOZA, 2009, p. 24).

Há ainda aqueles que concebem um Deus transcendente dotado de vontade, que criou todas as coisas por livre-arbítrio e que governa o mundo a maneira de um rei, intervindo ocasionalmente nas leis naturais (os milagres). Este Deus possui características humanas: é bom e misericordioso, pois distribui recompensas para os justos e fiéis; mas também é colérico e vingativo, porque pune os desvios daqueles que não obedecem aos seus decretos. Deus age visando um fim que é o próprio bem estar do homem – e esta é uma prova de sua benevolência – e não pela necessidade de sua própria natureza. Quando ocorre algo que rompe a ordem da natureza (um terremoto, por exemplo), logo se afirma que tal coisa ocorreu porque se blasfemou contra Deus ou não lhe prestou culto de maneira efetiva.



Cada homem engendrou, com base em sua própria inclinação, diferentes maneiras de prestar culto a Deus, para que Deus o considere mais que os outros e governe toda a natureza em proveito de seu cego desejo e de sua insaciável cobiça. Esse preconceito transformou-se, assim, em superstição e criou profundas raízes em suas mentes, fazendo com que cada um dedicasse o máximo de esforço para compreender e explicar a causa final de todas as coisas. Mas, ao tentar explicar que a natureza nada faz em vão (isto é, não faz nada que não seja para o proveito humano), eles parecem ter demonstrado apenas que, tal como os homens, a natureza e os deuses também deliram. Peço-lhes que observem a que ponto chegou! Ao lado de tantas coisas agradáveis da natureza, devem ter encontrado não poucas que são desagradáveis, como as tempestades, os terremotos, as doenças, etc.. Argumentaram, por isso, que essas coisas ocorriam por causa da cólera dos deuses diante das ofensas que lhes tinham sido feitas pelos homens, ou diante das faltas cometidas nos cultos divinos (SPINOZA, 2009, p. 43).

O Deus-substância, concebido por Spinoza, ao contrário do Deus transcendente dos teólogos, é imanente, o que significa dizer que não está separado das coisas, pois todas as coisas são modificações Nele, porque Ele é potência absoluta: “Deus é causa imanente, e não transitiva de todas as coisas. [...] Tudo que existe, existe em Deus, e por meio de Deus deve ser concebido; portanto, Deus é causa das coisas que nele existem” (SPINOZA, 2009, p. 29). Deus age exclusivamente pela necessidade de sua natureza, sem ser coagido por ninguém, pois nada existe fora dele. Tudo provém de sua potência absoluta, que nada mais é que sua própria essência. “A potência de Deus é a sua própria essência” (SPINOZA, 2009, p. 40).

Mas em que consiste a essência ou potência de Deus? A essência de Deus é expressa através de seus infinitos atributos, cada qual infinito em seu gênero, dos quais só conhecemos dois: o pensamento e a extensão. Cabe dizer que, mesmo se valendo de conceitos da filosofia antiga e medieval, Spinoza rompe com a tradição ao utilizá-los em sentidos totalmente distintos, por conta da sua teoria da imanência. ‘Atributo’, de um ponto de vista lógico, tradicionalmente, é aquilo que se diz de um sujeito, a saber, uma propriedade ou uma qualidade; é um caráter ou determinação que, embora não pertença à substância, tem sua causa nela (‘atributo’, para Aristóteles, é um ‘acidente essencial’. No entanto, apesar de estar fundamentado na essência, não pertence a ela). Em Spinoza, o atributo não é aquilo que se diz do sujeito, mas sim da substância e se constitui como sua própria essência: “Por atributo compreendo aquilo que, de uma substância, o intelecto percebe como constituindo a sua essência” (SPINOZA, 2009, p. 13). Deus, como



causa de si mesmo, com a sua essência envolvendo a existência, é eterno, portanto seus atributos também são eternos, pois cada um exprime a essência e a existência de Deus.

Deus, com efeito, é uma substância que existe necessariamente, isto é, cuja natureza pertence o existir, ou, o que dá no mesmo, de cuja definição se segue que ele existe e, por isso, é eterno. Além disso, por atributos de Deus deve-se compreender aquilo que exprime a essência da substância divina, isto é, aquilo que pertence à substância, que é precisamente, afirmo, o que esses atributos devem envolver. Ora, à natureza da substância pertence a eternidade. Logo, cada um dos atributos deve envolver a eternidade e, portanto, são, todos, eternos. [...] Os mesmos atributos de Deus que explicam a sua essência eterna, explicam, ao mesmo tempo, sua existência eterna, isto é aquilo que constitui sua essência de Deus constitui, ao mesmo tempo, sua existência. Logo, sua existência e sua essência são uma única e mesma coisa (SPINOZA, 2009, p. 30).

Deus é tudo que existe, portanto nada pode existir fora dele. De sua essência seguem-se infinitas coisas. Mas o que são essas coisas? São os modos, definidos por Spinoza como sendo as afecções da substância, ou aquilo que deve sua existência a outra coisa e que por ela é produzida. A substância existe em si e é concebida por si; enquanto os modos são concebidos por outra coisa: “Por modo compreendo as afecções de uma substância, ou seja, aquilo que existe em outra coisa, por meio da qual é também concebido” (SPINOZA, 2009, p. 13). Deus é potência absoluta que está na eternidade e é, na ordem das causas, anterior às afecções. Por conseguinte, os modos não existiriam e não poderíamos concebê-los sem Deus e seus atributos. Mais especificamente, os modos são provenientes dos atributos, e se constituem como determinações dos mesmos. Estabelece-se, portanto, uma relação de dependência, onde temos a substância-Deus, absolutamente infinita, numa ordem primeira das causas; seguida pelos atributos, infinitos apenas em seu gênero; e os modos, que abrangem tudo aquilo que não é concebido por si, e se constituem como modificações dos atributos divinos.

Spinoza diz ainda que, para cada atributo da substância, há três gêneros de modos: 1) modos infinitos imediatos, 2) modos finitos mediatos e 3) modos finitos. 1) Os modos infinitos imediatos são aqueles que resultam, imediatamente, da natureza absoluta de qualquer atributo de Deus, e que, em decorrência disso, são eternos e infinitos: “Tudo que se segue da natureza absoluta de um atributo de Deus deve ter



sempre existido e ser infinito, ou seja, por via desse atributo, eterno e infinito” (SPINOZA, 2009, p. 30). No caso do atributo extensão, o modo infinito imediato corresponde às relações de movimento e repouso. No atributo pensamento, o modo infinito imediato corresponde a ideia de Deus, ou o intelecto infinito. 2) Os modos infinitos mediatos são as modificações em qualquer atributo de Deus, enquanto é afetado por um modo infinito imediato. No atributo extensão, o modo infinito mediato corresponde a todos os corpos do universo, que são produzidos num encadeamento infinito, mediados por relações de movimento e repouso. No atributo pensamento, o modo infinito mediato se refere ao conjunto infinito de ideias, que também seguem um encadeamento, onde uma idéia é determinada a existir por outra ideia, seguindo-se assim até o infinito. 3) Os modos finitos são as coisas particulares, aquelas que percebemos através dos sentidos. No atributo extensão corresponde a um corpo; e no atributo pensamento, uma mente. Estes não possuem uma existência necessária, pois as suas essências não envolvem a existência. Elas existem de maneira definida e são determinadas a operar por outras causas que também são finitas, seguindo-se assim até o infinito.

Tudo que é determinado a existir e a operar é assim determinado por Deus. Ora, o que é finito e tem existência determinada não pode ter sido produzido pela natureza absoluta de um atributo de Deus, pois tudo que o que se segue da natureza absoluta de um atributo de Deus é infinito e eterno; e deve ter seguido, portanto, de Deus ou de um atributo seu, enquanto considerado como afetado de uma certa maneira. Pois além da substância e dos modos nada existe, e os modos nada mais são do que afecções dos atributos de Deus. Ora, tampouco pode ter se seguido de Deus ou de um atributo seu, enquanto afetado de uma modificação que é eterna e infinita. Deve, portanto, ter se seguido ou de Deus ou de um atributo seu, isto é, de ter sido determinado a existir e a operar ou por Deus ou por um atributo seu, que enquanto modificado por uma modificação que é finita e tem uma existência determinada. [...] Essa causa [modo] deve igualmente ter sido determinada a operar por outra, a qual é igualmente finita e tem uma existência determinada, e essa última (pela mesma razão), por sua vez, por outra, e assim por diante (pela mesma razão) até o infinito (SPINOZA, 2009, p. 34).



Cabe dizer que, na ontologia spinoziana, as ideias são modos que provêm da essência de Deus, enquanto coisa pensante, pelo qual, além de possuir a ideia de si mesmo, possui a ideia de todas as coisas que nele são produzidas: “Existe necessariamente, em Deus, uma ideia tanto de sua essência quanto de tudo o que necessariamente se segue dessa essência” (SPINOZA, 2009, p. 53). Deus possui ideias de todos os modos finitos e infinitos de seus atributos, portanto ideias de todos os corpos e ideia de todas as ideias que são provenientes dele (entretanto, essas ideias são modos que só podem ser explicadas pelo atributo pensamento, já que cada atributo concebe a si mesmo). Em suma, Deus conhece tudo que é produzido Nele. Com a mesma necessidade que produz, Deus tem uma ideia daquilo que é produzido.

4 PARALELISMO: OS ATRIBUTOS E A RELAÇÃO ENTRE MENTE E CORPO

Os atributos de Deus são em número infinito (porque Deus é potência absolutamente infinita), dos quais só conhecemos dois: o pensamento e a extensão. Cabe dizer agora que esses atributos são concebidos por si mesmos, pois constituem a essência da substância. São absolutamente distintos e um não pode limitar e nem conceber o outro, pois cada um é concebido por si e em si. Uma questão surge a partir de tais pressupostos: como é que dois atributos, absolutamente distintos, podem ser a essência da substância indivisível? Spinoza responderá recorrendo ao conceito de ‘expressão’. Os atributos são expressões de uma única e mesma realidade, isto é, da substância divina. Eles expressam uma ordem ou conexão de causas que jamais se hierarquizam, já que se referem a uma única e mesma realidade. Spinoza evita, com tal medida, atribuir um tipo de relação dualística que siga uma ordem vertical e hierárquica, que prejudicaria seu próprio sistema, que tem como centro a noção de imanência. Os atributos constituem a essência da substância e não há uma relação causal entre eles, no sentido de um conceber ou ter proeminência sobre o outro; há uma relação de correspondência e expressão, pois “[...] a substância pensante e a substância extensa são



uma só e a mesma substância, compreendida ora sob um atributo, ora sob o outro” (SPINOZA, 2009, p. 55). Esta doutrina ficou conhecida, entre os intérpretes de Spinoza, por *paralelismo*.

O paralelismo também valerá para a noção de homem, na relação entre a mente e o corpo. Mas o que é o homem para Spinoza? O homem é um modo ou modificação dos atributos pensamento e extensão, que se exprime através da mente e do corpo. Sua essência não envolve a existência, pois tais características pertencem somente à substância, que é causa de si e produtora das outras coisas. Portanto, o homem, como um modo finito, é determinado a existir e a operar através de uma causa que não é ele mesmo: “A essência do homem não envolve a existência necessária, isto é, segundo a ordem da natureza tanto pode ocorrer que este ou aquele homem exista quanto não exista” (SPINOZA, 2009, p. 52).

O corpo é uma modificação do atributo extensão. A mente é uma modificação do atributo pensamento. Como modo do atributo pensamento, Spinoza afirma que o homem possui uma mente, ou que ‘pensa’ (conforme o axioma 4 do livro II do *Ética*: “o homem pensa”). Desta maneira, como o indivíduo possui uma essência (expressa por modificações dos atributos de Deus), a ideia é, por natureza, o primeiro modo (pois, existindo a ideia, deve existir os outros modos no mesmo indivíduo, visto que ela é anterior). Mas, primeiramente, toda ideia é ideia de algo que existe e se a mente é uma ideia, ela necessariamente é a ideia de algo que existe em ato (não se pode dizer que é a ideia de algo inexistente, pois senão não existiria a própria ideia). E qual é objeto da mente? Para Spinoza a mente é a ideia ou conhecimento do corpo: “O objeto da ideia que constitui a mente humana é o corpo, ou seja, um modo definido da extensão, existente em ato, e nenhuma outra coisa” (SPINOZA, 2009, p. 61). Mas não temos, imediatamente, a ideia daquilo que somos, pois ela está em Deus. Ela está em Deus não enquanto é infinito, mas enquanto constitui a mente humana. O que temos são as ideias



provenientes das modificações nos encontros com os outros corpos, nas quais são percebidas pela mente.

O que nós temos é a ideia do que acontece ao nosso corpo, a ideia das afecções do nosso corpo, e é apenas por tais ideias que conhecemos imediatamente nosso corpo e os outros, nosso espírito¹ e os demais [...]. Há, pois, correspondência pela qual essas ideias representam aquelas afecções (DELEUZE, 2002, p. 74).

Com base na distinção ontológica entre os atributos pensamento e extensão e na sua relação não-causal, Spinoza negará a existência de uma relação de causalidade entre a mente e o corpo. Na ordem da natureza, existe um encadeamento necessário onde os corpos produzem corpos, e a mente ou ideia produz ideias: “Os modos de qualquer atributo têm Deus por causa, enquanto ele é considerado exclusivamente sob o atributo do qual eles são modos e não enquanto é considerado sob algum outro atributo” (SPINOZA, 2009, p. 55). Mas, em que consiste, de fato, o sistema de correspondência entre a mente e o corpo, já que não há uma relação causal entre eles? A correspondência entre os dois é a mesma dos atributos; há, portanto, uma identidade de ordem e conexão: se cada atributo expressa a essência divina numa única e mesma ordem, os modos provenientes desses atributos, necessariamente, também devem expressar uma única e mesma ordem. Ou seja, a ordem e a conexão das ideias correspondem, necessariamente, à ordem e a conexão dos corpos, porque ambos expressam a essência divina de duas maneiras: “Assim, também um modo da extensão e a ideia desse modo são uma só e mesma coisa, que se exprime, entretanto, de duas maneiras” (SPINOZA, 2009, p. 55). Pode-se dizer, ainda, que estas relações se estabelecem através dos princípios de *isomorfia*, *isonomia* e *isologia*. Diz Deleuze:

É que não há apenas identidade de ‘ordem’ entre os corpos e os espíritos, os fenômenos do corpo e os fenômenos do espírito (*isomorfia*). Há também identidade de ‘conexão’ entre as duas séries (*isonomia ou equivalência*), ou seja, igual dignidade, igualdade de princípio entre a extensão e o pensamento, e entre o que se passa numa e no outro: em virtude da crítica espinosista a toda eminência, a

¹ Spinoza utiliza o latim *mens*, termo que no português possui um substantivo apropriado: mente. No francês, todavia, não há um substantivo equivalente, então os tradutores traduzem *mens* como ‘alma’ ou, no caso de Deleuze, como ‘espírito’.



toda transcendência e equivocidade, nenhum atributo é superior ao outro, nenhum é reservado ao criador, e nenhum é remetido às criaturas e à sua imperfeição. Assim, pois, não somente a série do corpo e a série do espírito apresentam a mesma ordem, mas apresentam também o mesmo encadeamento sob princípios iguais. Enfim, há identidade de ser (*isologia*), a mesma coisa, a mesma modificação, sendo produzida no atributo pensamento sob o modo de um espírito, e no atributo extensão sob o modo de um corpo (DELEUZE, 2002, p. 75).

É possível compreender, com base nos pressupostos apresentados acima, outra ruptura entre Spinoza e a tradição filosófica, principalmente a platônica. A metafísica platônica concebe uma hierarquia de paradigma-cópia entre as ideias e as coisas físicas, e uma relação de subordinação entre a alma e o corpo. Dentro deste viés, não haveria, para Platão, conhecimento verdadeiro nas coisas sensíveis, pois estas são corruptíveis e estão sempre em transformação. O conhecimento verdadeiro só é possível no mundo das ideias, numa realidade metafísica transcendente que tem a ideia de Bem no seu ápice. As coisas do mundo sensível seriam apenas cópias desses arquétipos. Platão, portanto, submete o mundo físico ao mundo ideal, o corpo (que é material, por conseguinte perecível) à alma (que é imaterial, logo eterna e imutável).

A filosofia posterior, em quase todas as suas correntes, vai levar a frente essa distinção, afirmando que a realidade ideal é, por excelência, superior a realidade física. Tal postura fica ainda mais visível na filosofia cristã, principalmente com Agostinho, que é o maior herdeiro da tradição platônica. Agostinho mantém a divisão platônica entre mundo sensível e mundo inteligível, afirmando que este último é alcançado por nós através da iluminação divina. O intelecto, portanto, está relacionado a Deus, ser transcendente, puro espírito e sumo Bem. Quanto ao corpo? Este é objeto de pecado, das paixões que leva à degradação moral e que afastam o homem de Deus. Em Agostinho, e em quase toda a Idade Média, o ideal a ser cultivado é o ascético, pois é o único caminho pelo qual o homem se aproxima de Deus. Este ideal pressupõe a superioridade da alma sobre o corpo e o domínio desta sobre aquele.

Spinoza, ao contrário, vai pensar o homem em sua totalidade, isto é, conceberá o homem como uma união entre mente e corpo. É o significado prático do paralelismo.



A significação prática do paralelismo aparece na inversão do princípio tradicional em que se fundava a Moral como empreendimento de dominação das paixões pela consciência: quando o corpo agia, a alma padecia, dizia-se, e a alma não atuava sem que o corpo padecesse por sua vez [...]. Segundo a *Ética*, ao contrário, o que é ação na alma é também necessariamente ação no corpo, o que é paixão no corpo é por sua vez necessariamente paixão na alma. Nenhuma preeminência, pois, de uma série sobre a outra (DELEUZE, 2002, p. 24).

Portanto, nem a mente é superior ao corpo e nem o corpo é superior a mente. Ambos expressam uma mesma realidade de igual modo. O que há, Spinoza defenderá, é uma relação de superioridade (superioridade é entendida por Spinoza como ‘maior perfeição’ ou ‘realidade’) entre um corpo e outro corpo e entre uma mente e outra mente. Um corpo é superior ao outro quando sua capacidade de ser afetado é maior. Uma mente possui mais perfeição quando produz mais ideias. Não há, portanto, no sistema de Spinoza, o dualismo da tradição platônica. Se o corpo sofre afecções, logo a mente as percebe. Portanto, uma mente mais perfeita corresponde a um corpo que é mais modificado do que outro. É neste sentido que uma mente ativa corresponde a um corpo ativo, e uma mente passiva corresponde a um corpo passivo (pois a mente é a ideia do corpo).

5 CONCLUSÃO

A doutrina do paralelismo é uma das grandes novidades da filosofia de Spinoza. Apresenta-se como uma interessante solução para o problema da relação entre a mente e o corpo, que há séculos era objeto de reflexão dos filósofos. Tal solução é consequência da noção spinosista de substância única, que implica uma ordem imanente para a realidade, onde o processo de produção da vida está contido na própria vida.

A imanência conduz a uma busca por explicações do porquê das coisas existirem, a natureza delas e o papel do homem neste processo, sem recorrer a uma causa externa que ‘duplicaria’ a realidade. Spinoza se opõe, portanto, à metafísica tradicional que submetia a matéria e o corpo ao transcendente, tanto como causa, como fundamentação moral.



Para Spinoza, não existe uma relação de superioridade entre o pensamento e a extensão, e nem entre a mente e o corpo, porque todos esses diferentes aspectos se referem e explicam uma mesma realidade: Deus. Em suma, os atributos e os modos provenientes desses atributos constituem séries paralelas que expressam a potência infinita de Deus, num plano de imanência onde a vida, explicada em sua multiplicidade, se faz na vida e se constitui como o próprio critério para compreendê-la. Não há uma causa transcendente para a realidade, porque só existe uma única realidade, expressa de diversas maneiras, sem hierarquias.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles. **Espinosa: filosofia prática**. São Paulo: Escuta, 2002.

FERREIRA, Amauri. **Introdução à filosofia de Spinoza**. São Paulo: Editora Quebra Nozes, 2009 (Coleção Vergel).

SPINOZA, Benedictus. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.



Luís Santos Azevedo

<http://lattes.cnpq.br/4082915916334649>

